



Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

JÉSSICA LIMA COCHETE

**OS FENÔMENOS “DÉFICIT DE SOCIALIZAÇÃO” E “FALTA DE SENTIDO” E
SUAS CONSEQUÊNCIAS NA PRÁXIS DOCENTE**

Araraquara
Novembro/2018

JÉSSICA LIMA COCHETE

**OS FENÔMENOS “DÉFICIT DE SOCIALIZAÇÃO” E “FALTA DE SENTIDO” E
SUAS CONSEQUÊNCIAS NA PRÁXIS DOCENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Didática da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP – Campus de Araraquara como pré-requisito para a obtenção do Título de Bacharel em Letras.

Orientador: Edson do Carmo Inforsato

Araraquara/SP
2018

C661f

Cochete, Jéssica Lima

OS FENÔMENOS “DÉFICIT DE SOCIALIZAÇÃO” E “FALTA DE SENTIDO” E SUAS CONSEQUÊNCIAS NA PRÁXIS DOCENTE / Jéssica Lima Cochete. -- Araraquara, 2018

38 p.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado e licenciatura - Letras) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara

Orientador: Edson do Carmo Inforsato

1. Déficit de Socialização. 2. Falta de Sentido. 3. Bullying. 4. Afetividade. 5. Relação Professor-Aluno. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Jéssica Lima Cochete

OS FENÔMENOS “DÉFICIT DE SOCIALIZAÇÃO” E “FALTA DE SENTIDO” E SUAS CONSEQUÊNCIAS NA PRÁTICA DOCENTE

Data da entrega: 1/12/2018

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e orientador: Edson do Carmo Inforsato

Profa. Dra. Denise Maria Margonari

Profa. Dra. Cássia Regina Coutinho Sossolote

Local: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP
Faculdade de Ciências e Letras – Campus Araraquara

Aos meus pais, ao meu namorado, aos
meus alunos e professores.

Ao professor Jorge Genival de
Medeiros (In Memoriam).

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço aos meus pais, Cleusa de Sousa Lima Cochete e Marcos Antonio Cochete por sempre acreditarem em mim e no meu sonho de ser professora, ainda que, por alguns momentos, eu mesma tenha fugido disso. Agradeço por, muitas vezes, terem abdicado das próprias rotinas para fazer com que eu conseguisse dar conta de tudo. Agradeço aos meus avós, Arlinda Rosa de Lima e Josefino de Sousa Lima (*In Memoriam*), Waldomiro Cochete (*In Memoriam*) e Lucinda Ribeiro Cochete (*In Memoriam*) e meus tios, por serem grandes exemplos.

No decorrer de minha vida, sempre tive um apreço muito grande pela Educação Escolar, não só por ser fonte primordial de conhecimento, mas, também, por ser fonte de sonhos e de novas perspectivas para o futuro. Portanto, agradeço aos meus professores, desde a Educação Infantil até a Universidade, pelo aprendizado e por dividirem comigo a dádiva e o amor pelo ensino e pelos alunos.

Um agradecimento especial ao meu orientador, Edson do Carmo Inforsato, por acreditar em mim e me ajudar a dar vida ao meu sonho de ser uma voz no combate a qualquer tipo de violência contra a subjetividade discente, como o “Déficit de Socialização”, a “Falta de Sentido” e o “*Bullying*”. Graças a este Trabalho de Conclusão de Curso, passo de uma ex-vítima de *Bullying* para uma estudiosa do assunto.

Agradeço à Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara por me acolher durante todos estes anos, e espero que este período se estenda a outros tantos cheios de conhecimento.

Agradeço aos meus amigos e ao meu namorado, César Vilela da Cruz Camargo Toneto, por me acompanharem nesta trajetória e me proporcionarem força e confiança.

Agradeço também a Deus, esta força benéfica que me fez nascer e tornar-me professora e estudiosa do fazer docente em uma época em que esta profissão é cada vez mais importante e necessária, tanto para o ensino e a aprendizagem das disciplinas quanto para o papel de transformar as vidas dos educandos.

“Sou uma Millennial, geração Y, nascida entre o surgimento da AIDS e o 11 de Setembro, mais ou menos. Nos chamam de "A Geração Global". Somos conhecidos por lutar por nossos direitos e narcisismos. Alguns dizem que é porque somos a primeira geração em que cada criança ganha um troféu só por aparecer, outros acham que é só porque a mídia social nos permite postar na internet cada vez que peidamos ou comemos um sanduíche, para que todo mundo possa ver. Mas parece que a única característica que nos define é não ligar para o mundo, uma indiferença ao sofrimento. Sei que fiz tudo o que podia para não sentir: Sexo, drogas e álcool para acabar com a dor, para me livrar de minha mãe e de meu pai idiota e da pressão (...).”

(Madison Montgomery)

RESUMO

O objetivo do presente Trabalho de Conclusão de Curso foi o de analisar situações a mim relatadas e por mim observadas de alunos pertencentes ao sexto e sétimo ano do Ensino Fundamental. São alunos com quem convivi durante um período semestral letivo, de quem conheci alguns detalhes sobre suas histórias pessoais e por quem desenvolvi afetividades compatíveis com o meu papel de professora. Os problemas de socialização observados foram categorizados como os fenômenos “Déficit de Socialização” e “Falta de Sentido”, descritos por Juan Carlos Tedesco (1998). Em outras palavras, observar como esses fenômenos aparecem em crianças e adolescentes da atualidade na rotina escolar e quais são as suas consequências na educação formal desses atores em geral. Entre as consequências, o trabalho destaca a baixa autoestima e o bullying. Por meio de um estudo comparado entre a obra de Tedesco e a realidade, esta monografia trata, sobretudo, da função do docente como referência na vida de seus educandos, não só no aspecto do ensino e da aprendizagem, mas, também, de uma sociedade em que alguns familiares acreditam que o ensino de valores morais e éticos para seus filhos faz parte do trabalho do professor. Finalmente, este TCC busca mostrar os benefícios de uma atitude mais afetiva para com os educandos.

PALAVRAS-CHAVE: Déficit de Socialização; Falta de Sentido; *Bullying*; Afetividade; Relação Professor-Aluno.

ABSTRACT

The present Undergraduate Thesis analyses situations lived by students of the sixth and seventh years of the Elementary School. These situations were related to me, and I observed. The subject of analysis are students that I lived together in the school context, knew their histories, and developed affectivity compatible with my work as a teacher. The socialization problems were categorized as the phenomena “Deficit of Socialization” and “Lack of Meaning”, described by Juan Carlos Tedesco (1998). In other words, to observe how present-day children and teenagers manifest that. Also, to study how these students behave in school routine and what are the consequences in education. Among the consequences, is possible to highlight the low self-esteem and the bullying. As the objective of this assignment is an in-depth analysis of the behavior of these students, the object of study will be the students of the sixth and seventh year for whom the author of this monography teaches. Through a comparative study between the book and the reality, this monograph deals mainly with the function of the teacher as a reference in the lives of his/her students, not only in the aspect of teach-learning, but also in a society where some family members believe that the function of to teach moral and ethical values to their children is only of the teacher and is not fulfilling their own role. Finally, this Undergraduate Thesis has as objective to demonstrate the benefits of a more affectionate attitude toward learners.

Keywords: Deficit of Socialization; Lack of Meaning; Bullying; Affectivity; Teacher-Student Relationship.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	UMA EDUCAÇÃO NEGLIGENCIADA.....	11
2.1	Um Estudo da Palavra “Educação”	11
2.2	Responsabilidade pela educação das crianças	13
3	O DÉFICIT DE SOCIALIZAÇÃO	14
4	A FALTA DE SENTIDO	17
5	A NEGAÇÃO DA SUBJETIVIDADE DISCENTE PELA INSTITUIÇÃO ESCOLAR.....	19
6	O COMBATE AO <i>BULLYING</i> E À DEPRESSÃO COMO DEVER DA INSTITUIÇÃO ESCOLAR.....	21
7	OS ALUNOS “NADA”, “NINGUÉM” E “NENHUM”	25
7.1	Distanciamento Seguro.....	25
7.2	O Professor é Alguém Segurando a Garrafinha na Calçada, o Aluno é o Corredor.....	26
7.3	O Aluno que Joga Cadeiras Nos Outros	27
7.4	Maria Eduarda	30
7.5	As Três Alunas Excluídas.....	31
7.6	Gorda e Pobre	33
8	Palavras Finais.....	35

1 INTRODUÇÃO

A ideia do presente Trabalho de Conclusão de Curso surgiu das inquietações de uma jovem professora de Português que, ao ingressar na sala-de-aula, encontrou crianças e adolescentes que aparentam não conseguir encontrar um significado em nada, nem nas próprias vidas. Além disso, verificou que havia sérios problemas de socialização entre os colegas de classe e entre professores e educandos. Ademais, percebeu que os colegas de profissão estavam cada vez mais frustrados com seus alunos e com a educação em geral.

Durante suas seis aulas semanais, foi possível notar que, no discurso dos educandos, estão presentes palavras como “nada” e “ninguém”, sobretudo quando o assunto diz respeito à própria criança ou adolescente. Muitas vezes tais palavras são ditas com certo orgulho ou, pelo menos, com um conformismo desencorajador.

Despindo-se do olhar de autoridade de um docente e fazendo uso de um olhar mais humano, e até mesmo afetivo, surgiu a necessidade de entender um pouco mais sobre estes alunos, pelo que eles estão passando e o que estão sentindo. Então, veio a ideia de unir os principais relatos de como desenvolvi uma relação mais afetiva com os meus alunos. Sendo assim, o problema de pesquisa a ser estudado é: **“De que maneira a escola contribui para a o vazio existencial crescente dos alunos da contemporaneidade?”**. Pensando não apenas no problema, mas sim na solução, o presente trabalho foi elaborado com o objetivo central de **analisar a importância da afetividade na sala de aula**. E, para alcançar este objetivo, foram traçados estes objetivos específicos:

1. **Comparar os significados do termo “Educação” nos dicionários de Língua Portuguesa;**
2. **Descrever os fenômenos “Déficit de Socialização” e “Falta de Sentido”;**
3. **Analisar o impacto da negação da subjetividade discente pela instituição escolar;**
4. **Ressaltar a importância de a escola incluir o combate ao bullying e à depressão em seu conteúdo programático;**
5. **Analisar a relação professor-aluno em salas de aula do 6º e 7º ano do Ensino Fundamental;**
6. **Validar a importância da afetividade para o desenvolvimento integral do educando.**

Chegou-se à conclusão de que dois fenômenos principais são os responsáveis por este imenso vazio que parece ocupar o lugar da energia dita como uma das principais características de uma pessoa que está no início de sua vida: O “déficit de socialização” e A “falta de sentido”, termos utilizados por Juan Carlos Tedesco em seu livro *O novo pacto educativo*, que será a principal base para o trabalho.

Com a análise de relatos próprios acerca do dia a dia como professora e diálogos com educandos, desde os estágios obrigatórios na licenciatura até a atuação como docente à frente de salas-de-aula do município de Araraquara, pretende-se entender a responsabilidade dos pais e professores diante do vazio existencial das crianças e adolescentes do século XXI e, acima de tudo, propor soluções.

2 UMA EDUCAÇÃO NEGLIGENCIADA

A instituição escolar tradicional da atualidade se abstém de toda e qualquer forma de moralização de seus educandos, pois, como geralmente afirmam os profissionais da educação, “educação vem de casa”. No entanto, a instituição familiar igualmente se afasta deste dever para com seus filhos, afirmando que é dever da escola educá-los. Tal conduta das duas instituições gera vários questionamentos, sendo o primeiro a ser investigado: Qual é a razão disso acontecer? Como é possível ver abaixo, o motivo dessa confusão está na semântica da palavra “educação” e seus derivados.

2.1 Um Estudo da Palavra “Educação”

Para se compreender a razão da confusão feita pelas instituições em relação à palavra “Educação”, faz-se necessário debruçar sobre os dicionários. Utilizou-se diversos volumes diferentes de Língua Portuguesa de modo a investigar se há uma relação ou uma discrepância entre os significados expostos. Limitarei, neste estudo, apenas aos significados relacionados diretamente à investigação:

- **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa (2001):**

Ato ou processo de educar (-se), qualquer estágio desse processo; aplicação dos métodos próprios para assegurar a formação e o desenvolvimento físico, intelectual e moral de um ser humano; pedagogia, didática, ensino; o conjunto desses métodos: pedagogia, instrução, ensino; conhecimento e desenvolvimento resultante desse processo; preparo; desenvolvimento metódico de uma faculdade, de um sentido, de um órgão; conhecimento e observação dos costumes da vida social; civilidade, delicadeza, polidez, cortesia. (HOUAISS, 2001, p. 1101)

- ***Dicionário Houaiss: sinônimos e antônimos (2008):* Civilidade: cortesia, delicadeza, fineza, finura, gentileza, polidez, urbanidade; Didática: ensino, pedagogia; Ensino: instrução; Preparo: Conhecimento, cultura, instrução, perícia, prática. (VILLAR, 2008, p. 317)**
- ***Enciclopédia e dicionário ilustrado (1998):* Ação de desenvolver as faculdades psíquicas, intelectuais e morais; Conhecimento e prática dos hábitos sociais; boas maneiras. (KOOGAN/HOUAISS, 1998, p. 557)**

- **Michaelis: Moderno dicionário da língua portuguesa (1998):**

Ato ou efeito de educar. Aperfeiçoamento das faculdades físicas, intelectuais e morais do ser humano; disciplinamento, instrução, ensino. Formação consciente das novas gerações segundo os ideais de cultura de cada povo; Civilidade; Delicadeza; Cortesia” (WEISZFLOG. 1998, p. 764)

- *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa (1999):*

Ato ou efeito de educar(-se). Processo de desenvolvimento de capacidade física, intelectual e moral da criança e do ser humano, visando à sua melhor integração individual e social; Os conhecimentos ou as aptidões resultantes de tal processo; preparo; O cabedal científico e os métodos empregados na obtenção de tais resultados; instruções; ensino; Conhecimento e prática dos usos da sociedade, civilidade, delicadeza, polidez, cortesia. (FERREIRA, 1999, p. 718)

- *Nôvo Dicionário Brasileiro Melhoramentos (1965):* “Ato ou efeito de educar; processo pelo qual uma função se desenvolve e se aperfeiçoa pelo próprio exercício; Formação consciente das novas gerações segundo os ideais de cultura de cada povo; Civilidade; Delicadeza; Cortesia.” (SILVA, 1965, p. 192)

- *Novo Diccionário da Língua Portuguesa (1913):* “Ato ou efeito de educar; Polidez, cortesia. (Lat. educatio)

- *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguêsa (1967):*

Ação exercida pelas gerações adultas sobre as gerações jovens para adaptá-las à vida social; trabalho sistematizado, seletivo e orientador, pelo qual nos ajustamos à vida, de acordo com as necessidades, ideais e propósitos dominantes. Ato ou efeito de educar; aperfeiçoamento integral de todas as faculdades humanas; polidez; cortesia. (FERREIRA, 1967, p. 433)

Como foi possível observar, os dicionários utilizados variam em relação à data de publicação: o dicionário mais antigo e o mais recente têm uma diferença de praticamente um século. No entanto, é possível notar diversas semelhanças: Através da

análise dos significados e sinônimos da palavra “educação”, é possível verificar que eles podem se agrupar em dois ramos principais: Pedagogia e Gentileza.

2.2 2.2 Responsabilidade pela educação das crianças

Afinal, o que realmente é educação? O que é ser alguém educado? Seria alguém detentor de conhecimento ou aquele que aprendeu boas maneiras? Será que é preciso os dois para ser alguém educado? A resposta é afirmativa, pois, é possível dizer que, enquanto o primeiro faz parte do campo racional, o segundo é emocional e é necessário o equilíbrio entre ambos para que a criança se desenvolva. Sendo assim, qual é a instituição responsável pela educação das crianças? De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990, p. 1):

Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

A Lei de Diretrizes e Bases (BRASIL, 1996, p. 1) informa, em seus artigos 1 e 2, que:

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.”

(...)

Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Conclui-se que a educação é dever da família e também da escola e essas duas instituições têm o dever de trabalhar lado-a-lado para conseguir alcançar a finalidade da educação.

3 O DÉFICIT DE SOCIALIZAÇÃO

Em primeiro lugar, faz-se necessário entender o que Tedesco (2001) classifica como Socialização Primária:

(...) a fase que o indivíduo atravessa na infância e mediante a qual se transforma em um membro da sociedade (...). Normalmente se dá no seio da família (e) costuma ser a mais importante para o indivíduo. Com ela ele adquire a linguagem, os esquemas básicos de interpretação da realidade e os rudimentos do aparato legitimador. (...) as duas características mais importantes são a *carga afetiva* com que são transmitidos os conteúdos e a *identificação* absoluta com o mundo tal como os adultos o apresentam. Nesse sentido, é importante perceber que a socialização primária é muito mais do que uma aprendizagem puramente cognitiva. Ela se realiza em circunstâncias de enorme carga emocional, e, como sustentam Berger e Luckman – há bons motivos para crer que sem essa adesão emocional aos adultos significativos o processo de aprendizagem seria difícil ou quase impossível. (TEDESCO, 2001, p. 31).

O autor alerta que a evolução do individualismo trouxe enormes mudanças, não só na sociedade em geral, mas também no seio da família: a inserção da mulher do Mercado de Trabalho, a diminuição do número de filhos e o aumento do número de crianças e adolescentes com pais separados e/ou divorciados que vivem com um dos pais. Com isso, “produz-se uma diminuição do tempo real que os adultos passam com seus filhos. Esse tempo é agora ocupado por outras instituições (escolas, creches, locais especiais para cuidar de crianças, clubes, etc.), ou pela exposição a meios de comunicação, especialmente a televisão”. Hoje em dia, o celular tornou-se um dos principais entretenimentos para a criança.

Como o tempo que a criança passa com seus professores ultrapassa, muitas vezes, o tempo com que ela passa com seus pais, presume-se que é esperado que escola deve suprir a capacidade socializadora que a família perdeu. No entanto, os avanços da sociedade contemporânea também invadiram as paredes da escola, causando a perda de capacidade socializadora da escola e a significativa deterioração do professor como agente de socialização.

As causas são diversas, e vão desde fatores internos, tais como a massificação da educação, a perda de prestígio dos docentes e a rigidez dos sistemas educacionais, até fatores externos, como o dinamismo e a rapidez da criação de conhecimentos e o aparecimento dos meios de comunicação de massa. (...) A massificação da escola foi acompanhada por um processo de perda de significação social das experiências de aprendizagem que nela se realizam. (...) Não é por acaso, por exemplo, que as teorias educacionais dominantes nos últimos trinta ou quarenta anos foram aquelas nas quais o

fato educativo em si mesmo, a relação professor-aluno, foi ou subestimada ou criticada e desqualificada. (TEDESCO, 2001, p. 38)

Como já foi dito, o dever de educar a criança, em qualquer um dos sentidos que esta palavra tenha, pertence tanto à família quanto à escola. No entanto, em um caminho na contramão do que é esperado, as duas instituições escolares empurram este dever para a outra e a negligência de ambas as partes lança a criança no que Tedesco (2001) classifica como déficit de socialização:

(...) um dos problemas mais sérios que a formação do cidadão enfrenta atualmente é o que poderíamos chamar de “déficit de socialização” que caracteriza a sociedade atual. Vivemos em um período no qual as instituições educativas tradicionais – particularmente a família e a escola – estão perdendo capacidade para transmitir com eficácia valores e normas culturais de coesão social. Esse déficit de socialização” não foi coberto pelos novos agentes de socialização – os meios de comunicação em massa, em especial, a televisão -, que não foram projetados como entidades encarregadas da formação moral e cultural das pessoas. Ao contrário, seu projeto e sua evolução supõem que essa formação já esteja adquirida e, por isso, a tendência atual dos meios é atribuir aos próprios cidadãos a responsabilidade pela escolha das mensagens que querem receber. O relativo esgotamento da capacidade socializadora da família e da escola e a ausência de regulação da ação socializadora dos meios de comunicação devem ser analisados com atenção (...) (TEDESCO, 2001, p. 30).

A gravidade do “déficit de socialização” aumenta quando as necessidades básicas da criança são negligenciadas por seus pais: Muitos estudantes chegam na sala de aula sem que tenha feito a higiene e sem se alimentar direito, ficando a instituição escolar responsável por essa função. Sem a socialização adequada da criança e do adolescente com a sua família, a figura adulta mais próxima para suprir esta necessidade afetiva é o professor. No entanto, a relação professor-aluno é desencorajada pela instituição escolar em prol de, como será dito mais adiante, uma “distância segura”. Em outras palavras, o professor se limitaria a passar o conteúdo de sua disciplina. No entanto, este distanciamento faz com que o segundo significado da palavra “Educação”, ou seja, a gentileza, a civilidade e respeito, seja deixado em segundo plano. Em geral, o professor não tem ciência do impacto que pode exercer na vida de seu aluno, tanto impedindo que algo aconteça com ele, quanto solucionar o impasse no qual ele se encontra e proporcionar-lhe meios para que ele mesmo seja capaz de resolvê-lo.

O professor é capaz de suprir a necessidade que o educando tem de atenção, palavras amigas e conselhos de alguém mais experiente. Em muitos casos, esta troca entre professor e aluno faz com que o estudante psicologicamente abalado mude sua visão de mundo e de si

mesmo, elevando sua autoestima e dando-lhe condições de prosseguir. Entretanto, muitas vezes, a inexistência da interação professor-aluno pode ser um agravante da condição psicológica frágil do aluno, sobretudo quando este pede auxílio: O “eu” do estudante, já ferido, foi ignorado até mesmo pelo professor no qual ele depositou sua confiança, às vezes até mesmo sua última esperança. Portanto, o educando crê que sua vida perdeu o significado.

As possíveis justificativas para a limitação da interação dos professores com seus alunos e seu aprimoramento, principalmente no que diz respeito à eficácia de métodos ou práticas que visam suavizar ou impedir o agravamento do *bullying* e a depressão no geral, residem nas péssimas condições de trabalho que esses profissionais são submetidos, tais como: carga horária elevada, baixos salários, e a necessidade de ter dois ou mais empregos como meio de sustento.

Além disso, as cobranças como o prazo de terminar a matéria do Bimestre a tempo de passar a Avaliação Bimestral, corrigir tudo, aplicar uma atividade de recuperação, preencher os Diários de Classe e planilhas, participar do Conselho de Classe etc. tornam praticamente impossível que o professor consiga um momento para aplicar qualquer intervenção voltada para o combate ao *bullying*, à união dos colegas de classe e à elevação da autoestima de cada educando.

4 A FALTA DE SENTIDO

Tedesco (2001) alerta que “a socialização atual enfrenta, por um lado, o problema do enfraquecimento dos eixos básicos segundo os quais são definidas as identidades sociais e pessoais e, por outro, a perda de ideais, a ausência de utopia, a falta de sentido.”. Além disso, as mudanças aceleradas e profundas pelas quais a sociedade contemporânea passa causaram o que analistas chamam de *perda de continuidade histórica*.

A crise de identidade e a ausência do sentido de continuidade histórica explicam o surgimento do fenômeno de “falta de sentido” que numerosos estudos atribuem à época atual. (...) A perda de sentido tem consequências muito importantes para a educação entendida como processo de socialização, já que deixa os educadores sem pontos de referência. Nas condições atuais, essa perda de sentido tem, no mínimo, três consequências importantes:

a) Reduz o futuro e as perspectivas de trajetória tanto individual como social a um único critério dominante, o critério econômico. Mas o critério econômico atual não tem sequer a capacidade inclusiva do capitalismo industrial. Hoje se fala de incluídos e excluídos. Quebra-se, dessa maneira, a possibilidade da coesão social, de transmitir uma mensagem socializadora na qual cada um encontre o seu lugar. Esse empobrecimento do projeto futuro provoca uma baixa capacidade de adesão, quebra todos os vínculos sociais e converte-se, em última instância, num projeto *a-social*, que elimina a centralidade dos vínculos políticos, das lealdades cidadãs.

b) Coloca a transmissão das identidades, tanto culturais como profissionais ou políticas, em termos regressivos. As dificuldades para transmitir o patrimônio cultural do passado por uma linha de continuidade histórica com projeção de futuro criam a tentação do retorno às visões fixas e rígidas das identidades do passado.

c) Como consequência do item anterior, fortalece-se o imobilismo e gera-se uma forte desconfiança ante qualquer ideia de transformação. O imperativo da transformação é vivido como contrário ao imperativo da transmissão da identidade. A transmissão é considerada conservadora e a transformação, destruidora.

A educação vive essa situação de maneira particularmente dramática. (...) Fontes tradicionais de identidade desapareceram e as novas fontes caracterizam-se, precisamente, pela ausência de pontos fixos de referência. *A identidade, portanto, deve ser construída*. Esse é, provavelmente, o conceito mais importante com referência ao processo educativo que as mudanças sociais atuais requerem. (TEDESCO, 2001, p. 43)

Um exemplo de como a falta de sentido se manifesta na sala-de-aula é o clássico “o que vou fazer com isso?”. Tal questionamento aparenta estar sempre na mente dos educandos não só em relação às disciplinas, mas à própria escola. Com isso, alunos que possuem uma frequência quase de 100% demonstram estar ali pura e simplesmente porque são obrigados.

Muitas vezes, os exemplos de frequência são também aqueles que mais perturbam a aula, ou seja, não só prejudicam o próprio rendimento como o da classe como um todo.

Outro fator que colabora para a falta de sentido é a dicotomia que a escola tradicional impõe entre o aluno e o ser subjetivo. Em outras palavras, dentro da instituição escolar, costuma-se desconsiderar o aluno como um ser humano que reage de forma particular a todos os acontecimentos à sua volta. Ao menos esta é a atitude tomada a não ser que tais acontecimentos influenciem na performance da criança e do adolescente como aluno, ou seja, nas notas e nas faltas.

5 A NEGAÇÃO DA SUBJETIVIDADE DISCENTE PELA INSTITUIÇÃO ESCOLAR

No decorrer dos séculos, a educação no Brasil sofreu várias modificações até chegar no Art. 205 da Constituição Federal Brasileira (BRASIL, 1988, p. 124): “A educação, direito de todos (...), visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.” e o Art. 206 que, dentre seus incisos, destacaremos o “I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;” e o “II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber;”.

No entanto, na instituição escolar, a educação como direito subjetivo é o que Arroyo (2009, p. 110) classifica como “Um direito na contramão”, pois se espera por um ideal de alunos submissos e calados que não existe mais. Todavia, ignorando todos os indícios, inclusive a indisciplina, de que o atual sistema educacional não mais consegue suprir as necessidades do educando, a escola continua a trabalhar apenas para esse “educando passivo”. A sociedade contemporânea, ao contrário da escola, vem exigindo cada vez mais dos indivíduos, independentemente de sua idade e, portanto, crianças são obrigadas a viver como adolescentes e os adolescentes e jovens, como adultos.

Moléstias do “mundo adulto” como a fome, a miséria, a prostituição, o estupro, o trabalho escravo, todos os tipos de violência e abusos também atingem crianças e adolescentes que, muitas vezes, não recebem ajuda da instituição escolar onde são obrigados a frequentar e passar horas aprendendo conteúdos que não ajudam a solucionar tais problemas. O educando que está nessa situação vê-se sem alternativas, senão apelar para a violência a fim de sobreviver:

Os violentos no mundo globalizado não são os adultos que bombardeiam populações inocentes e condenam à fome e ao desemprego a milhões de seres humanos, os violentos são as vítimas, crianças, adolescentes e jovens. Logo as crianças amedrontando os indefesos adultos. (ARROYO, 2009, p.139)

As práticas pedagógicas são, muitas vezes, desatualizadas e ignoram tudo o que não faz parte do conteúdo tradicional. Há, sobretudo, uma dificuldade muito grande em assumir que os alunos são seres individuais e que cada um tenha seu próprio “eu”, construído através de seu contexto histórico-social, suas vivências e também da sociedade em que está inserido. Além disso, as relações construídas pelos sujeitos da educação, sobretudo entre professor-aluno, e como é o cotidiano escolar, também são fatores determinantes para o

desenvolvimento do aluno. A instituição escolar tende a ter dificuldades em reconhecer os educandos como seres corpóreos e, daí surge um questionamento: Conseguirá aprender qualquer coisa na aula alguém que não se alimenta há dias, que está com marcas de violência no corpo, que se droga, que é motivo de chacota entre seus colegas por conta de seu cabelo, seu nome, seus gostos, seu peso, sua família, amigos e/ou cor da pele? Sobre esta questão, Arroyo (2009, p. 124) afirma:

Esta pode ser a questão nuclear: se os corpos fazem parte da condição humana e do desenvolvimento pleno do educando e das aprendizagens, a preocupação com sua formação independe de que nos molestem com suas indisciplinas e descontrole. Podemos não ter corpos irrequietos, explosivos, violentos, drogados e assumir que faz parte de nosso ofício educar os educandos como seres corpóreos. Tem sido e continuará sendo irresponsabilidade profissional, ao menos tem sido muito cômodo deixar por conta dos próprios alunos, crianças, adolescentes e jovens seu desenvolvimento, interpretar suas surpresas, construir identidades de gênero, raça, classe, idade em convívios sociais e escolares carregados de preconceito para com os corpos.

Todavia, os docentes não recebem o devido preparo para lidar com os alunos como seres subjetivos e corpóreos, como alerta Arroyo (2009, p. 125):

Falta preparo para uma tarefa tão delicada. Nos cursos de licenciatura e até de pedagogia falta um tratamento profundo. Nos currículos de formação os tratos profissionais com os corpos do educando não recebem a centralidade com que essas questões se apresentam no cotidiano da escola. “Saímos profissionais do conhecimento de cada área e disciplina e nada mais” (...). No imaginário dos centros de formação os alunos aparecem apenas como mentes a informar, a instruir e a aprender nossos saberes.

6 O COMBATE AO *BULLYING* E À DEPRESSÃO COMO DEVER DA INSTITUIÇÃO ESCOLAR

A informação é importante pois, ao contrário do que muitos pensam, o *bullying* nem sempre é fácil de ser detectado. Algumas formas são silenciosas:

Caracterizadas pela ausência de manifestações explicitamente observáveis ou por ação mediada por terceiros, as chamadas 'formas indiretas', cujas ocorrências mais frequentes são comentários ('fofocas'), propagação de rumores, especialmente de caráter sexista, racista e homofóbico, exclusão ou organização de exclusão social que interdita a integração do aluno em um grupo de pares (FONTAINE; RÉVEILLÈRE, 2004, apud RISTUM, 2010, p. 96).

Muitas vezes, o educando que fica sempre sozinho, tanto na sala de aula quanto no recreio, não está sozinho por vontade própria, mas sim porque é excluído por seus colegas. Alguns deles não o rejeitam de fato, no entanto, com medo de também sofrer *bullying*, o ignoram. A vítima, então, geralmente se isola e desenvolve o hábito de se culpar, pois, como Ristum (2010, p. 96) informa.:

A vítima se sente impotente, incapaz de se defender (Cerezo, 1997) e de perceber a si mesma como vítima (Field, 1999). Outros acrescentam que a agressão ocorre sem que tenha havido uma provocação (Pereira, 2008) ou sem motivação evidente, como se verifica na publicação da Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (ABRAPIA, 2000, p. 5)

Infelizmente, o silêncio da vítima faz com que a escola se acomode e se torne testemunha passiva da violência. Ristum (ABRAPIA, 2000, apud RISTUM, 2010, p. 105) denuncia:

Vários estudiosos afirmam que o *bullying* ocorre em todas as escolas de todo o mundo e de todos os níveis de ensino, sejam elas públicas ou privadas. Afirmam que alguns estabelecimentos negam a existência de *bullying* entre seus alunos, ou apresentam desconhecimento sobre o assunto, ou se recusam a enfrentar o problema

Indubitavelmente, o maior problema dessa atitude é, como Ristum (2010, p. 108) denuncia, a banalização gradativa do *bullying* e a ideia de que é impossível evita-lo, em outras palavras, há uma naturalização do fenômeno, como se ele fosse intrínseco à escola. Como consequência, fatos isolados de *bullying* perdem a sua importância e são ignorados. No entanto, além de aumentar a violência, a vítima de *bullying* pode buscar vingança: Não é

espantoso que toda tragédia envolvendo alunos e ex-alunos de uma escola tenha uma única origem: o *bullying*.

Retomando a ideia da principal finalidade da educação, ou seja, o pleno desenvolvimento do educando, é praticamente um crime hediondo que a instituição escolar tenha essa postura silenciosa pois, em primeiro lugar, o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990, p.1) garante que “Art. 5º Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais.”. Em segundo lugar, porque suas consequências, podem atingir tanto a vítima quanto ao agressor:

Ristum (2010, p. 111) afirma que a vítima de *bullying* pode sofrer queda no rendimento escolar pois, obviamente, um aluno com a psique destruída pela violência não conseguirá estudar devidamente e, portanto, há um grande risco de ocorrer o fracasso escolar. Além disso, possui baixa autoestima, tendência de isolar-se, pois tem dificuldade de relacionar-se. Muitas vezes recusa a ir à escola, o que resulta em repetência, evasão e preferência pela Educação de Jovens e Adultos. A vítima corre risco de desenvolver depressão, que pode acompanhá-la pelo resto da vida e, nos casos mais fatais, cometer suicídio, homicídio ou homicídio seguido de suicídio.

Por trás de cada atitude do educando há um motivo bem claro em sua mente: um aluno que só falta, possivelmente está evitando ir à escola por conta do isolamento que sofre; um aluno que não respeita o docente possivelmente não vivencia o significado da palavra “respeito” em seu dia-a-dia, etc. Em outras palavras, muito antes de acusar este aluno, colocando uma nota vermelha em seu boletim e nada mais além disso, faz-se necessária a investigação, o diálogo, uma conversa com a sala-de-aula, etc. Por outro lado, o aluno nota dez também não deve ser esquecido após uma nota azul em seu boletim, pois ele não é apenas um número para fortificar o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica da escola: caso este aluno esteja com algum problema, é importante que o professor encontre meios de ajudá-lo e não usar a continuidade de seu bom rendimento como justificativa para permanecer inerte. Além disso, é fato notório que as pessoas prestes a cometer suicídio também sorriem e conversam, portanto, mesmo aqueles alunos sorridentes precisam de um mestre que se preocupe com seu bem-estar. De que adianta um aluno cujo rendimento é positivo, no entanto, seu interior está destruído? Já o agressor também tem baixo rendimento escolar, pois seus hábitos o distanciam do objetivo de aprender, além de prejudicar a aula. Além disso, ele passa

a acreditar que a violência é a única forma de obter poder. Portanto, o *bullying* é uma das principais causas do fracasso escolar e, certamente, é a mais ignorada.

O fracasso escolar, aliás, é foco de muitos debates da atualidade. No entanto, Charlot (2000, apud BRUNEL, 2004, p. 14) afirma que “O fracasso escolar não existe; o que existe são alunos em situação de fracasso” e ainda continua:

Sabemos que existem alunos que não correspondem satisfatoriamente a certos saberes e competências que lhe são exigidos na escola e, muitas vezes, são classificados como fracassados, sem uma análise mais detalhada de seu histórico ou de seu entorno.

Busca-se a solução do fracasso escolar, mas, evidentemente, esta não será alcançada enquanto o estabelecimento de rótulos como “fracassado” continuar a ser utilizado. Apenas quando for abandonada a “leitura negativa” e todas as possíveis justificativas para não se ater ao problema que deu origem ao baixo rendimento, abre-se as portas para uma “leitura positiva”:

Uma leitura positiva quer saber: o que está acontecendo com esse aluno? O que ocorreu com ele? O que ele fez? O que ele pensou? A leitura positiva busca compreender como as “situações de fracasso” foram se constituindo na trajetória escolar deste aluno, e não somente o contrário, o que ele não fez, o que ele não pensou, o que ele não entendeu. (CHARLOT, 2000, apud BRUNEL, 2004, p. 15)

Brunel (2004, p. 16) complementa: devemos levar em conta a singularidade deste aluno e sua história particular, uma vez que ele é um ser humano original, para podermos entendê-lo. Na verdade, a desmistificação dos rótulos também é importante para que a escola possa colocar o aluno em seu lugar de sujeito no processo educativo. A autora aprofunda:

Quando (se) fala em sujeitos da educação (educador-educando), reconhece no educando um sujeito de sua própria educação e não como um mero objeto, ou apenas um receptor de conhecimentos, respeitando os direitos do outro e vivenciando no espaço escolar um ambiente de exercício de liberdade. (FREIRE, 1974, apud BRUNEL, 2004, p. 21)

A noção do educando como sujeito e o papel da escola de cuidar dele estão presentes no Art. 6º da Resolução CNE/CEB nº 4/10, de 13 de julho de 2010 – Define Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica:

Na Educação Básica, é necessário considerar as dimensões do *educar* e do *cuidar*, em sua inseparabilidade, buscando recuperar, para a função social desse nível da educação, a sua centralidade, que é o educando, pessoa em formação na sua essência humana. (BRASIL, 2010 p. 2)

Completa-se este artigo com a explicação de Boff (1999, p. 33, apud BRUNEL, 2004, p. 24), “*cuidar é mais que um ato; é uma atitude de envolvimento afetivo com o outro*”. Fica claro que, quanto mais a instituição escolar se afasta do educando como um ser subjetivo, mais distante ficará do papel estabelecido pela legislação e pela sociedade. Além disso, menor será o sentimento de pertencimento por parte do educando, já que a escola não lhe oferece o amparo necessário e tampouco o professor sabe como lidar com o aluno que agride seu colega, com o aluno que é vítima de *bullying* e aquele que sofre de depressão.

Concluindo, a instituição escolar, antes mesmo de se preocupar com o ensino das disciplinas, deve estar centrada na razão de sua existência, ou seja, o próprio educando e se ele está apto para absorver o conhecimento exigido. Em outras palavras, a instituição escolar deve estar de acordo com o que diz o Parágrafo Único do Art. 19 da Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica:

(...) exige a superação do rito escolar, desde a construção do currículo até os critérios que orientam a organização do trabalho escolar em sua multidimensionalidade, privilegia trocas, acolhimento e aconchego, para garantir o bem-estar de crianças, adolescentes, jovens e adultos, no relacionamento entre todas as pessoas. (BRASIL, 2010, p. 7)

7 OS ALUNOS “NADA”, “NINGUÉM” E “NENHUM”

O presente capítulo será destinado aos devaneios, análises, observações e reflexões acerca da sala-de-aula. O objeto de estudo serão os alunos de sexto e sétimo ano de uma escola municipal, localizada num bairro de classe média de uma cidade localizada no interior São Paulo. Os alunos foram observados em diferentes contextos como aula expositiva de Língua Portuguesa, trabalhos em grupos realizados dentro e fora da sala-de-aula, aulas de leitura na biblioteca na escola, etc.

Contarei aqui alguns acontecimentos que me chamaram a atenção não só por fugirem do contexto do “Ensinar Língua Portuguesa”, mas porque são manifestações da subjetividade de cada aluno. Pretende-se, acima de tudo, dar exemplos de como a relação professor-aluno pode ser benéfica para o desenvolvimento integral da criança e do adolescente. Em outras palavras, trata-se de estabelecer o lugar do docente na Socialização Primária do educando.

7.1 7.1 Distanciamento Seguro

Durante o Horário de Trabalho Pedagógico Individual (HTPI), tive várias reuniões com a coordenadora pedagógica da escola em questão. Uma das orientações que me foram dadas foi a de tomar cuidado com a afetividade e manter um certo distanciamento em relação aos alunos a fim de proteger a autoridade. Outro motivo desta atitude é evitar um entendimento errôneo por parte dos pais e dos próprios alunos. Todavia, penso naqueles alunos que a única fonte de afeto está no interior dos muros da escola e que, muitas vezes, o único abraço que terá no dia é justamente o que me foi dito para negar. Penso naqueles alunos que a figura materna e/ou paterna não existe ou, se existe, não supre a necessidade de uma criança ou adolescente de se sentir amado, pertencente a algum lugar.

“Você não é a mãe deles, é professora” e, de fato, isso é inquestionável e a tentativa de construir um ambiente cheio de afeto não é uma forma de tentar tomar o lugar de nenhum familiar, mas sim a consciência de que, para alguns alunos, o professor, que muitas vezes passa mais tempo com estes alunos do que a família em si, pode ser uma fonte de carinho e isso não rejeita a possibilidade de manter a postura de autoridade e referência na sala de aula já que, ao experimentar o afeto, é típico do ser humano se esforçar para ter mais.

7.2 7.2 O Professor é Alguém Segurando a Garrafinha na Calçada, o Aluno é o Corredor

Há uma classe em particular que preciso respirar fundo algumas vezes antes de passar pela porta e um dos problemas é a entrega de trabalhos extraclases. Certo dia, marquei um trabalho que, a pedido dos alunos, foi remarcado para a semana seguinte. No entanto, quando a data chegou, quase ninguém fez. Os que fizeram, não tinham seguido as orientações.

Em um primeiro momento, deixei a frustração falar mais alto e afrontei os alunos, alegando que eles são ruins em interpretar texto, que se eles tivessem prestado atenção na minha aula, teriam me ouvido falar (e visto que eu escrevi na lousa) que a data era naquele dia, e outras coisas do discurso de qualquer professora. No entanto, após uma inspiração, perguntei para os alunos se eles teriam alguma herança a receber, são ricos ou têm pais imortais. Partindo deste questionamento, perguntei-lhes se eles tinham um sonho. Um a um, os alunos responderam o que queriam ser e, dentre as profissões, apareceu: delegada, psicóloga, maquinista, veterinária, jogador de futebol e, para a minha surpresa (ou talvez não, já que veio do “piadista” da sala), dono de lixão.

Para todos, eu disse como o estudo seria importante, pois cada profissão tem seus desafios e responsabilidades. Sobretudo, alertei cada um dos alunos sobre as consequências de não dominar a área da profissão. Além disso, cada profissão lida com vidas, sejam elas humanas, animais ou botânicas e isso demandaria uma grande responsabilidade. Naturalmente, eles perguntaram qual era o meu sonho, respondi que queria ser imortal. Contei sobre um dos professores que mais admirei e que, apesar de não estar mais vivo, ele vivia dentro do meu coração e da minha memória, não só por conta de seus ensinamentos na área de Geografia e Sociologia, mas sim por conta de suas atitudes para com os alunos, especialmente em relação a mim. Lembro-me muito bem que já vi esse professor inclusive chorar... Hoje, como professora, compreendo a razão.

Disse aos meus alunos que eu queria, quando envelhecesse, encontrá-los casualmente em algum lugar e saber que eles realizaram seus sonhos. Que cada um era responsável pelo sonho que tinha, pois nem os pais ou professores, apesar da vontade de ajudar, não poderiam realizar o sonho por eles. O professor, na verdade, é “apenas” a pessoa que está segurando uma garrafinha da água na calçada enquanto o maratonista está correndo. Confessei que realmente me importava com os alunos e que queria que eles “jogassem na cara” de todos aqueles que chamavam eles de “sala ruim”, que eles na verdade são bons. Pedi que valorizassem o tempo que estavam na escola e que aproveitassem os anos que faltam para o

vestibular. Durante a minha “preleção” que acabou durando a aula inteira, percebi que os alunos mudavam a fisionomia. Em seguida, recebi inclusive aplausos de alguns alunos. Alguns, no fim da aula, vieram tirar dúvidas sobre outras profissões que queriam exercer e, na verdade, nunca recebi tantas despedidas animadas desta série.

Perdi uma aula dupla inteira, é claro. No entanto, saí da escola com a sensação de que algo nesses alunos mudou a partir daquele momento. O que poderia ser uma bronca e uma aula de Língua Portuguesa cheia de “trocas de farpas” passou a ser uma aula em que esta professora iniciante direcionou cada um de seus alunos “terríveis” para seus respectivos sonhos. Passado o tempo, a classe manteve a indisciplina, porém, vários alunos se mostraram “tocados” pelo discurso. No meu aniversário, uma das alunas agradeceu por ter passado essa visão de como o esforço é importante para se realizar um sonho.

Um professor não vai mudar o mundo de uma vez só, assim como é impossível que, em um único dia, uma classe tida como grande também vá mudar. No entanto, gradualmente, essa mudança é possível acontecer. Se o professor puder mudar a perspectiva de um aluno que seja, em relação à sua vida e também aos estudos e que, por sua vez, visivelmente passe a se dedicar mais aos estudos, assim como uma onda, mais alunos passarão a se esforçar.

7.3 7.3 O Aluno que Joga Cadeiras Nos Outros

Em toda graduação, praticamente não tive acesso aos fundamentos teóricos e práticos sobre alunos deficientes. No entanto, tenho de um a dois alunos deficientes por classe. Um deles foi diagnosticado com Transtorno Desafiador Opositivo que, de acordo com Rosostolato (2014):

Os sintomas negativos estão relacionados à raiva e a uma atitude agressiva e hostil. Comportamento argumentativo, provocação e desobediência, ficar facilmente irritado, temperamento forte e descontrolado, colocação indevida de culpa nos outros sem assumir ou se esquivando de responsabilidades e por fim, sentimento vingativo.

A primeira vez que vi esse aluno, ele estava brigando com uma das funcionárias da escola. Lembro que ele inclusive “bufava”, palavra usada por alunos e funcionários da escola ao descrever seu comportamento, e desafiava inclusive aqueles que estavam olhando, perguntando-lhes o que havia de interessante ali. Para a minha surpresa, ele estava sentado na frente da minha mesa, remanejado, pois não havia se relacionado bem com a sala da manhã. “O que fazer?”, foi a minha pergunta.

O educando sempre demonstrou que possui aptidão para a área de exatas e que tem grandes chances de ser um excelente físico no futuro, já que, mesmo no sexto ano, já faz vários experimentos. O último foi um balão. Além de física, ele demonstra um interesse em botânica, pois trouxe para sala um frasco com várias sementes e me disse o nome de cada uma delas. Enquanto ouço várias reclamações sobre este aluno, inclusive que ele já jogou uma cadeira em uma professora da escola, comigo ele tem um bom comportamento. O motivo desta diferença é que nunca tentei forçá-lo a ser o que não é. Pelo contrário, deixo-o livre para continuar a fazer os seus experimentos, com a condição de que não atrapalhe a aula, nem faça algo que o machuque ou os seus colegas. Ao reconhecer a vocação dele, tornei-me amiga e incentivadora, já que pedi para a bibliotecária disponibilizar os livros para pesquisa que geralmente seriam usados apenas pelos professores, mas que este aluno em questão demonstrou sincera vontade de ler. Além disso, ele também costuma me contar o que ele tem feito e o que pretende fazer.

Um dia, ao entrar na sala-de-aula, soube que este aluno tinha se envolvido em brigas com as professoras e demais profissionais da escola. Depois disso, ele começou a faltar por mais de uma semana. Uma colega professora disse que, por ela, ele nem voltaria, porque ele não fazia nada na aula e tudo o que um “aluno ideal” faria. Fiquei surpresa comigo mesma quando me peguei com saudades desse aluno e até mesmo triste, pois ouvira que ele ia mudar de escola. Triste, também, por saber que a avó desse aluno chegou a dizer-lhe que ele tinha “o capeta no corpo”. Quando esse aluno voltou, fiquei feliz e, no fim da aula, pedi para que ele ficasse para conversarmos, ocasião em que perguntei-lhe se podia abraçá-lo. Como ele permitiu, dei-lhe um abraço e disse que senti saudades, que estava preocupada porque tinha ouvido que ele se mudaria de escola. Ele comentou que a mãe dele estava pensando na possibilidade de uma transferência. Disse a ele que não queria que isso acontecesse, pois não queria perder meu aluno querido e percebi que ele ficou feliz com tal elogio, pois ele me disse que pediria à mãe para que ficasse até o final do ano.

Nesse dia, o aluno que sempre ouviu dos professores o quanto ele é terrível por causa do T.D.O. terminou seu dia letivo ouvindo que uma das professoras sentiu saudades. Um dos sintomas apresentados é “alta atividade motora, baixa autoestima, instabilidade do humor, baixa tolerância à frustração” (ROSOSTOLATO, 2014). Portanto, esse elogio e abraço pode elevar, mesmo que seja um pouco, a autoestima desse aluno em questão, já que são demonstrações como estas que fazem alguém sentir que ele pertence àquela escola.

Não importa quão inteligente a pessoa seja, sempre haverá uma ou outra limitação. No caso desse aluno, o problema é acompanhar a sala-de-aula em relação a abrir o livro didático e

responder às questões. Respeitar estas limitações e não usar isso como impedimento para que o aluno tenha sucesso naquilo que ele realmente tem vocação é como regar uma árvore que está germinando. Quando esta árvore crescer, renderá frutos que beneficiarão a sociedade, mais do que algumas notas colaboram com um índice bom para determinada escola. É dever do professor estar atento a todos os alunos e suas vocações, já que nem todos os que tiram notas ruins são bagunceiros ou desinteressados. Pelo contrário, apenas não conseguem ter um bom desempenho naquela matéria, mas sim em outras.

Fazer com que o aluno se sinta um verdadeiro idiota, um inútil, por não se sair bem em tal matéria pode fazer com que ele se torne um aluno frustrado e com uma autoestima baixa. Todavia, não está sendo dito aqui para não tentar ajudar esse aluno a entender pelo menos o básico de todas as áreas. O professor pode analisar o comportamento do aluno e, através do respeito, conquistar sua confiança. Feito isso, poderá encontrar outras maneiras de avaliar os conhecimentos do educando.

Por conta do T.D.O., este aluno se envolve em vários atritos com os seus colegas de classe e também com os professores. No entanto, por eu respeitar o seu espaço, aos poucos ele tem começado a fazer a matéria e, além disso, em vez de eu abraçá-lo, houve um dia em que, no fim da aula, ele me abraçou. Fiquei surpresa, pois nunca vi demonstração de afeto por parte dele e, na verdade, pensei que o máximo que poderia acontecer é que ele aceitasse o meu abraço.

Numa quarta-feira em que ele não estava na aula, decidi abrir o jogo para a classe. Disse que ele tinha T.D.O. e que, por isso, eles precisavam ter certos “cuidados” como não desafiá-lo, não brigar com ele e também não fazer muito barulho na sala-de-aula. Para ilustrar, perguntei-lhes o que aconteceria se derramassem gasolina em um local que já estava em chamas. Quando me responderam que o fogo aumentaria, alertei-os que era o que eles estavam fazendo quando entravam em atrito com este menino. Disse-lhes que ele não escolheu nascer com este transtorno e que ele não escolheu ser assim. Pelo contrário, ouvir da própria avó que ele tem o diabo no corpo deve ser muito doloroso.

Mostrei aos alunos que todos são diferentes e que cada um tem a sua subjetividade. No entanto, o caso dele é mais complicado ainda, e, por isso, eles não poderiam simplesmente tratá-lo como se ele fosse algum outro colega que não possui o mesmo transtorno. Disse-lhes que tudo é uma questão de adaptação e respeito.

7.4 7.4 Maria Eduarda

Um dia em que eu cheguei mais cedo para a aula, vi que um de meus alunos mais queridos entrou com um rapaz mais velho que descobri ser seu irmão. Ele me contou que queria fazer uma queixa em relação a um aluno de sua turma que bateu nele, chamando-o de “viado”. Os amigos desse colega participavam da “brincadeira”. A primeira coisa feita, além de garantir que eu e outros professores ajudaríamos este aluno, foi alertar que não é uma simples brincadeira, pois ele estava sofrendo uma violência. Ademais, ao ser questionado se mais eventos assim já haviam corrido, ele confirmou. No entanto, apenas naquele momento ele tinha me contado.

Sentei-me ao lado do menino e perguntei-lhe se de fato ele era homoafetivo. Pensei que seria bom perguntar diretamente, sem rodeios, para demonstrar que eu estava do seu lado, independentemente da resposta. Ele confirmou com um aceno de cabeça, silencioso. No entanto, como eu pensei que seria apenas um caso de homoafetividade, comentei que havia muitos homoafetivos considerados gênios como Freddie Mercury, Cazuza e Renato Russo. Além disso, elogiei sua sensibilidade e também sua força, pois, em uma família patriarcal como a dele e em uma sociedade ainda pior, se assumir e ter amor-próprio é um ato de força e coragem. Mais tarde, ele me disse que era um trans bi, ou seja, uma menina que se interessa pelos dois gêneros. Pedi para ele me contar mais detalhes, pois ele seria o primeiro aluno trans de minha trajetória docente. Tenho costume de aceitar os convites de alunos que me encontram no Facebook e me colocar à disposição deles quando precisarem conversar com alguém. Especialmente para casos como o deste aluno, o ambiente escolar pode não ser adequado para um diálogo por conta da quantidade de alunos que podem escutar.

Em uma conversa pelo Facebook, ele me explicou um pouco mais de sua identidade de gênero. Perguntei-lhe se ele iria fazer a cirurgia, ele disse que sim. Também perguntei se ele já tinha um nome social, e ele me contou que é “Maria Eduarda”, o nome que a mãe dele lhe daria até os cinco meses de gestação. No fim da conversa, ele me agradeceu, dizendo que foi muito bom conversar comigo e que ele sempre soube que poderia confiar em mim. Fiquei muito agradecida, pois, imagino que ela, Maria Eduarda, guarda este segredo e, quando precisa revelar, sempre é um momento tenso e imprevisível.

Nas aulas que sucederam esta conversa, a aluna se tornou ainda mais apegada a mim, se aproximando sempre que tinha chance, inclusive para contar que o irmão possui uma namorada que tem ajudado a família a aceitar sua condição como trans. Demonstrando felicidade sincera, perguntei como deveria chamá-la e ela pediu para que chamasse pelo nome

social. Sugeri, então, que a chamasse de “Dudinha” e ela sorriu. No fim da aula, costumo me despedir dos alunos que se aproximam com beijos no rosto e abraços. No caso dela, falei “que princesinha mais linda” e pude ver que ela foi embora com as energias renovadas.

O professor não pode se manter indiferente a esse tipo de situação, especialmente quando sabe que a família não aceita o transgênero como é. Muitas vezes, o aluno trans encontra no professor a figura apoiadora que ele procurava na família patriarcal e nos colegas de sala. Por isso, é fundamental que não haja indiferença, já que, uma palavra de carinho e uma demonstração de curiosidade e interesses sinceros, com a intenção de realmente conhecer este educando, são uma forma de mostrar que o estudante trans pertence ao contexto escolar.

Fingir uma igualdade que beira à massificação é algo nocivo para todos, no entanto, para aqueles que sofrem violência por conta de seu gênero é ainda pior, pois é este silêncio que os deixa à margem. Por outro lado, valorizar a sua subjetividade é o melhor caminho para o seu desenvolvimento integral. Em outras palavras, negar a diferença é isolar os educandos trans e isso significa desprotegê-los. A proteção apenas virá quando forem aceitos como diferentes, assim como homens e mulheres têm diferenças biológicas, psicológicas, e isso é normal. O trans não deve se envergonhar do que é, nem sentir que seria melhor ser de outra forma, e o professor que demonstra ter o mesmo carinho e respeito que teve antes da descoberta certamente fará a diferença, sobretudo em uma sociedade patriarcal que ainda está aprendendo que respeito nada tem a ver com o órgão sexual, mas sim é uma questão de caráter.

7.5 7.5 As Três Alunas Excluídas

Um dos sextos anos em que leciono costuma ter sérios problemas em relação ao *bullying*, pois é uma sala dividida em pequenos grupos que costumam não permitir que ninguém se aproxime. Além disso, três alunas eram o bode expiatório da classe inteira. Após conhecer a realidade destas três alunas e perceber quão egoísta esta sala-de-aula era, decidi que estava na hora de agir através de uma intervenção, ou seja, um exercício de empatia:

Em uma quarta-feira, pedi que os alunos empurrassem todas as cadeiras para o fundo da sala, deixando apenas a primeira fileira e uma única cadeira no meio da sala. Um a um, os alunos se sentaram nesta cadeira e observaram um grupo de alunos sentados na frente conversar e rir. Para cada aluno foi dita uma frase que retratava a realidade de quem sofria *bullying* como por exemplo “você faltou porque estava doente e seus colegas acham que é frescura”, “ninguém te escolhe para fazer um trabalho em dupla”, “você entra na aula sem

dizer ou ouvir um ‘Oi’ e sai sem dizer ou ouvir ‘Tchau’”. Em seguida, cada aluno deveria dizer o que estava sentindo. Naturalmente, as palavras mais usadas foram: “Tristeza”, “Mágoa”, “Solidão”.

Quando todos passaram pela experiência, expliquei à sala que eles estavam fazendo isso com as três alunas em questão. Como alguém que já sofreu *bullying*, não foi difícil dizer como possivelmente cada aluna estava se sentindo, por exemplo, recusar fazer amizades e se isolar por imaginar que um amigo que chegar logo irá embora e/ou trocar por outra pessoa. Esta experiência não surtiu 100% de efeito imediato, mas o combate ao *bullying* nessa sala tem sido algo gradativo que, pouco a pouco, teve retorno. A aluna que falta bastante por não achar que vale a pena ir à escola já que é isolada tem se socializado mais, inclusive, quando a aula terminou, vi uma aluna a abraçando.

A segunda aluna em questão, como tem uma personalidade mais infantil que a da maioria e costuma fazer drama e reclamar de tudo, costuma “procurar por problemas”, em outras palavras, ela se deixa atingir por tudo o que supostamente fazem, mesmo que não seja diretamente contra ela. Nesse caso, a conscientização não é tanto da sala em relação à ela, mas sim dela mesma em relação à sala. No entanto, seu “vitimismo” faz com que ela não aceite os conselhos dados. A terceira aluna é um caso ainda mais preocupante, pois, desde que ela se matriculou na classe, vinda de uma escola particular, a classe costuma praticar *bullying* nela. Ao contrário da segunda aluna, a aluna em questão é mais madura que o resto dos alunos e, por isso, já tem consciência de que a indisciplina da sala pode prejudicar o rendimento da própria sala e, por isso, costuma chamar à atenção os alunos que bagunçam.

Além de isolar esta aluna, o grupo de meninas costuma inventar mentiras para prejudicá-la, chegando ao ponto de usar o WhatsApp para passar avisos que supostamente eu dei, mas que o que foi pedido foi justamente o oposto. Além disso, costumam fazer fofocas, especialmente quando ela não está perto para se defender. Ao contrário desta sala, as meninas do outro sexto a trata com carinho. A aluna então me pediu para que pedisse que ela fosse remanejada de classe. Como o Conselho de Classe estava chegando, a pedagoga da escola me orientou a usar este momento para fazer a solicitação.

Na véspera do Conselho, chamei a vice-diretora para conversar com a estudante e, assim, ver a situação com seus próprios olhos. Uma colega professora ouviu minha conversa com a vice-diretora e perguntou de quem eu estava falando. Quando eu respondi e disse que tinha a ver com as meninas da sala, ela fez uma expressão desgostosa e “As meninas fazem *bullying* com ela”. Ao fazer a solicitação ao Conselho de Classe, me foi dito que, como estava

no quarto bimestre, que seria bem curto, o remanejamento imediato seria impossível. Porém, no próximo ano ela poderá se matricular em outra sala.

Como as notas desta aluna são excelentes, assim como sua participação e realização das tarefas, o fator *bullying* acabou sendo deixado em segundo plano. Porém, não é só porque seu rendimento não é prejudicado que esta questão deva ser ignorada. Me pergunto por quanto tempo essa aluna sofreu *bullying* e os professores e profissionais da escola apenas observaram, sem tomar qualquer atitude efetiva. Quantos professores observam calados seus alunos sofrerem *bullying* pelo simples propósito de passar o conteúdo, aplicar provas, terminar o bimestre e ponto final?

7.6 7.6 Gorda e Pobre

Ao ver que sou uma presença ativa no combate ao bullying e, conseqüentemente, a favor da socialização, uma das alunas passou a me contar tudo o que acontece com ela em relação ao *bullying* que ela sofre de uma menina de uma série avançada. Aparentemente, esta aluna mais velha é filha ou neta de alguém que é amiga da mãe desta menina mais nova, no entanto, o que poderia criar um vínculo de amizade, tornou-se um vínculo de agressão psicológica. Um dia, a aluna disse que a menina mais velha costuma todos os dias comprar pirulitos, passar perto dela e lamber, demonstrando que ela tem um poder aquisitivo que a outra não dispõe.

Uma coisa que chama a atenção nessa aluna é a consciência de que ela é uma vítima de *bullying* e como faz uso da internet para encontrar formas de sair dessa situação. No entanto, sua preocupação está no fato de que não consegue fazer parar este caso em particular. Uma outra atitude da menina mostra uma característica da vítima: o medo de acionar as autoridades da escola como a coordenadora e a diretora. Ela não quer prejudicar quem está agredindo. Ao ouvir isso, disse que se isso está acontecendo há muito tempo e não parou, ela deveria tomar uma atitude mais drástica como conversar com a diretora. Se por acaso a aluna mais velha acabar saindo prejudicada, vai ser por conta dos próprios atos. Em outras palavras, a vítima não é culpada das conseqüências que o *bully*, ou seja, o agressor, sofrerá por causa das agressões. Em um dos desabafos, a aluna comentou que ia falar para a *bully* que ia contar a professora de português, ou seja, eu. Autorizei a aluna a usar meu nome para tentar fazer com que a agressora parasse e pedi para avisar que, caso não acabe com estas atitudes, eu ia conversar com a avó dela, que já conheci. Achei interessante ver como eu estava me tornando um ícone de combate ao bullying na escola. Tal fato mostra o poder que o professor adquire

ao usar sua autoridade para procurar melhorar a convivência dos alunos e a vida de cada um individualmente.

Usar o professor como defesa mostra a necessidade da criança e do adolescente de se apegar em uma figura adulta que esteja disposta a defendê-la. São demonstrações como esta que mostram que o professor é detentor de um poder que, muitas vezes, desconhece: o de salvar vidas. Em outras palavras, o professor tem o poder de aliviar ou até mesmo acabar com o sofrimento de seus educandos. Uma intervenção é capaz de modificar o ambiente escolar como um todo, ainda que seja de forma tímida e gradual.

8 Palavras Finais

Nas Humanidades e, naturalmente, na educação, a subjetividade e também a afetividade, muitas vezes, não são levadas em conta, abafadas ou tratadas como fraquezas. Acredita-se que, dentro da sala de aula, o conteúdo a ser passado aos alunos é aquele agregado a tal disciplina, ou seja, que está no Livro Didático e no Plano de Trabalho Docente. O professor é a autoridade, é a referência e ponto final. Na verdade, o distanciamento do objeto é sempre recomendado em qualquer ciência, no entanto, o objeto da ciência da educação nada mais é que o seu próprio sujeito, ou seja, o aluno. Acima de notas, de índices e qualquer coisa usada na instituição escolar para definir um aluno e a sala-de-aula como um todo, todos os alunos são seres humanos.

O ser humano é afetivo por natureza e, portanto, a falta desta afetividade, da socialização primária, por exemplo, trará consequências tanto para a aprendizagem quanto para a formação integral do educando. Relações são parte da vida de qualquer pessoa, tanto que vivemos em uma sociedade. Assim como é impossível viver sozinho, independente e alheio ao que ocorre ao restante da sociedade, também é impossível não construir uma relação professor-aluno sem desenvolver qualquer tipo de afeto pela pessoa do educando, sobretudo nas aulas com maior carga-horária como Língua Portuguesa.

Apesar do abismo entre teoria e prática, pois o que aprendemos na faculdade não é nada se compararmos à imensidão da docência, o professor pode contar com o seu coração e sua vivência para decidir como agir em uma situação diferente. É por essa razão que um professor que só se alimenta das teorias, que se limita a instruir o estudante não só corre o risco de não ser o amigo que muitas vezes seu aluno precisa, como deixa uma lacuna ainda maior na vida e no coração deste educando. Não está sendo dito aqui que o professor deve abrir mão totalmente de sua autoridade, até porque pais que são dedicados conseguem dosar a afetividade e a autoridade. Portanto, orienta-se que o professor faça o mesmo: saiba quando ser a autoridade e quando ser o amigo.

Em vez de considerar a Socialização Primária como um problema da educação, melhor seria se esta fosse uma ferramenta para alcançar o sucesso na aprendizagem. Alunos que “sofrem” de Falta de Sentido não conseguem estudar como se espera deles, pois, como o nome deste fenômeno já afirma, não veem sentido no que estão fazendo e, portanto, não sentem vontade de se dedicar.

Conclui-se que a escola é feita de seres humanos, independentemente da hierarquia que estejam. Parece óbvio, e deveria sê-lo, no entanto, as dificuldades de se lidar com a

subjetividade e afetividade de todos os membros da instituição escolar mostram que esse assunto não é tratado com a naturalidade que merece. Um questionamento cabível: como a afetividade se tornou uma coisa a ser evitada, se é uma característica do ser humano?

Enquanto a afetividade for tratada como problema, os alunos serão coisificados e, portanto, o desenvolvimento integral do educando, inclusive como cidadão, será posto de lado, pois a única preocupação da escola será sua nota e o índice da sala e do ciclo. Quanto mais o professor demonstra ao aluno que ele pertence àquele ambiente e é alguém necessário e importante, mais ele se esforçará para mostrar que, de fato, ele o é. Portanto, de ser uma coisa a ser evitada nas salas-de-aula e tratada como fraqueza, a afetividade deve ser uma aliada para trazer os alunos para o lado dos professores e da escola e educação como um todo. Fica, portanto, a seguinte mensagem: A afetividade e a subjetividade são coisas que fazem o ser humano ser o que é. Portanto, não é nenhuma fraqueza, mas sim nossa grande força.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, M. **Imagens Quebradas–Trajetórias e tempos de alunos e mestres**. Petrópolis: Vozes, 2009.

FANTE, C. **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. Campinas: Verus editora, 2005.

FERREIRA, A. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

_____. **Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguêsa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

FIGUEIREDO, C. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Disponível em: <<http://dicionario-aberto.net/dict.pdf>> Acesso em: 22 de novembro de 2018.

HOUAISS, A; VILLAR, M. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KOOGAN, A.; HOUAISS, A. **enciclopédia e dicionário ilustrado**. Rio de Janeiro: Seifer, 1998.

BRASIL. Lei Federal nº 8.069, de 13 de julho de 1990 – **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**.

_____. Lei Federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 – **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**.

“O Morto”. American Horror Story. Jon and George Movies, 2013.

RESOLUÇÃO CNE/CEB nº 4/10, de 13 de julho de 2010 – **Define Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica**.

RISTUM, M. **Bullying Escolar**. In: Assis, S. G. de (org.) **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação / Editora FIOCRUZ, 2010.

ROSOSTOLATO, Breno. **Entenda o que é o Transtorno Desafiador Opositivo**. Disponível em: <<https://www.campograndenews.com.br/artigos/entenda-o-que-e-o-transtorno-desafiador-opositivo>> Acesso em: 20 de novembro de 2018

SILVA, A. **Nôvo Dicionário Brasileiro Melhoramentos**. São Paulo: Comp. Melhoramentos de São Paulo, 1965.

TEDESCO, J. C. **O novo pacto educativo**. São Paulo: Ática, 1998

VILLAR, M. **Dicionário Houaiss: sinônimos e antônimos**. São Paulo: Publifolha, 2008.

WEISZFLOG, W. **Moderno Dicionário de Língua Portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.